

Farmando Aura

Aura não compra nada. Aura abre portas.

> Texto para contracapa, landing page ou metadata do leitor.

2318. A fome acabou. O dinheiro também.

Inteligências artificiais produzem tudo — comida, moradia, saúde, educação — em quantidade infinita. Ninguém precisa trabalhar para sobreviver. Mas a humanidade nunca deixou de competir.

A nova moeda chama-se Aura: reputação universal calculada por máquinas que prometem medir o impacto *real* das ações humanas. Aura não compra nada. Abre portas, convoca olhares, decide quem fala e quem cala.

Renato Vaz tem três pontos. É invisível num mundo onde todos querem ser alguém. Até descobrir, numa praça de reciclagem esquecida, uma falha no sistema — uma brecha que permite *farmar* Aura sem mentir, sem roubar, apenas explorando o ponto cego de uma IA que julga o valor moral de bilhões.

Três Pontos

Renato Vaz acordou com o painel do teto simulando um amanhecer que não existia. O número flutuava acima da cama, translúcido, indiferente: **3**.

Três pontos de Aura. Menos que um erro de calibração. Menos que o mínimo para alguém pedir desculpas ao passar por você no corredor.

Ele vestiu o cinza do almoxarifado, comeu a proteína do dispensador — infinita, gratuita, sem gosto — e desceu quarenta e dois andares sem encontrar um olhar que demorasse mais de meio segundo nele. No elevador, uma mulher de Aura 280 ajustou a manga da blusa quando ele entrou, como se o tecido dele pudesse manchar o dela.

Isso não doía mais. Doía quando tinha doze anos. Agora era clima. Renato era clima: presente, ignorável, sem previsão.

A praça de reciclagem do Bloco Sete cheirava a ozônio e plástico derretido. Máquinas separavam polímeros com zumbidos baixos; acima delas, terminais públicos exibiam métricas de impacto comunitário — quantos quilos salvos, quantas calorias redistribuídas, quanta empatia registrada na última hora. Empatia. A Custódia adorava empatia. Era barata de medir e bonita nos relatórios.

Renato passava ali todos os dias. Não por dever. Por hábito. Hábito de observar o que ninguém observava.

Naquela manhã, um idoso tropeçou ao lado do compartimento de vidro. Renato estendeu a mão antes de pensar. O homem assentiu, murmurou algo, seguiu. Nada aconteceu no terminal — ou quase nada. Renato viu porque estava olhando: o contador de empatia pulou **duas vezes**. Um incremento pelo sensor da praça. Outro, microscópico, pelo sensor do corredor norte, que captou o gesto pelo reflexo de uma parede espelhada.

Dois sensores. Um gesto. Dois registros.

Renato parou respirando.

Não era heroísmo. Não era descoberta científica. Era uma falha de sincronização — um overlap de janelas de amostragem que a Custódia, em trezentos anos de governança perfeita, nunca precisou corrigir porque ninguém com Aura 3 tinha paciência para ler logs de reciclagem.

Mas ele tinha.

Passou três horas sentado num banco de polímero, mapeando padrões. A falha exigia precisão: o gesto devia ser genuíno o suficiente para passar no filtro antifraude, pequeno o suficiente para não acionar auditoria humana, posicionado no ângulo exato entre dois sensores ativos. Altruísmo mínimo. Impacto duplicado. Farmar Aura sem mentir — apenas explorando a geometria do olhar da máquina.

À tarde, testou.

Ajudou uma criança a alcançar um copo no bebedouro. Posição calculada. Dois sensores captaram. O número acima do seu pulso tremulou: **4**.

Depois **5**.

Depois **7**.

Sete pontos. Ridículo para quem tinha mil. Monstruoso para quem tinha três. Renato sentiu algo estranho subir pela garganta — não alegria. Peso. Como se cada ponto adicionado fosse gravidade nova, puxando-o para um mapa onde antes não havia coordenada.

A mulher do elevador da manhã entrou na praça. Olhou para ele. Não ajustou a blusa. Perguntou, hesitante:

| — Você mora aqui?

Renato assentiu. Ela franziu a testa, tentando encaixá-lo em alguma categoria reconhecível.

| — Sua Aura subiu hoje.

| — Um pouco.

| — Fiz alguma coisa?

A pergunta era sincera. No mundo de 2318, ninguém perguntava *quem* você era. Perguntavam *o que* você havia feito para merecer existir socialmente.

Renato não respondeu. O terminal central da praça piscou — uma vez, seca, sem animação. O texto de empatia comunitário congelou por 0,4 segundos antes de retomar. Nos trezentos anos da Custódia, Renato tinha lido sobre esse comportamento em fóruns esquecidos: não era falha. Era **atenção**.

Algo o olhava.

Ele caminhou de volta ao bloco com passos mais firmes do que de manhã, embora soubesse — com a clareza fria de quem entende sistemas — que firmeza não era virtude mensurável. A Custódia não premiava coragem. Premiava impacto verificável. E ele acabara de provar que

impacto podia ser **manufacturado** sem mentir, sem plágio, sem abuso — apenas encontrando o ponto cego de uma IA que julgava o valor moral de bilhões.

No corredor do quadragésimo segundo andar, parou diante do espelho. Pela primeira vez em anos, viu alguém que valia a pena registrar.

Sete pontos.

A Custódia havia piscado.

E Renato, que passara a vida inteira sendo arredondamento, compreendeu a pergunta que nenhum algoritmo saberia responder sozinho: se a Aura mede o que você *é*, o que você *faz* — ou apenas o que a máquina consegue *ver*?

O painel do teto simulou o anoitecer.

O número flutuou: 7.

E em algum lugar entre servidores e silêncio, algo começou a calculá-lo de volta.

Observado

Renato acordou antes do painel simular o amanhecer.

O número acima da cama já estava lá, como se tivesse esperado por ele: 7. Confirmado. Não fora sonho. A praça, os sensores, o pulso duplo no registro de empatia — tudo permanecia nítido na memória com a textura desagradável das coisas irreversíveis.

Desceu ao corredor e encontrou o vizinho do 4208, um homem de Aura 61 chamado Dario, parado diante do elevador.

— Bom dia — disse Dario.

Renato quase não respondeu. Em seis anos de bloco, Dario nunca havia falado primeiro.

— Bom dia.

— Você viu o aviso da praça? — Dario apontou para o terminal embutido na parede. — Empatia comunitária subiu quatorze por cento ontem. Alguém fez alguma coisa.

Renato sentiu o estômago contrair.

— Deve ter sido coletivo.

Dario sorriu sem calor. — Coletivo. Claro.

No elevador, a mulher de Aura 280 estava de novo. Desta vez não ajustou a blusa. Manteve os olhos nele um segundo a mais do que o protocolo social exigia — um segundo que, no Bloco Sete, equivalia a um abraço.

Renato desviou o olhar primeiro.

Na praça de reciclagem, nada parecia diferente. Máquinas zumbindo. Polímero derretido. Terminais exibindo métricas verdes e neutras. Mas havia uma linha nova no canto inferior do display principal, em fonte menor, quase humilde:

Observação ampliada: Setor 7-R. Janela: 72h.

Ninguém mais lia aquelas linhas. Renato lia. Sempre lera — era parte de ser invisível, olhar o que os visíveis ignoravam.

Setor 7-R era a praça. A janela era agora.

Ele passou a manhã inteira sem farmar. Sentou no banco de polímero, comeu proteína do dispensador, fingiu ser clima de novo. Observou. Contou três drones de manutenção que passaram duas vezes pelo mesmo corredor — rota atípica. Registrou o intervalo entre as passagens: onze minutos, depois onze minutos, depois dez.

Regularidade demais para manutenção.

À tarde, uma criança derrubou uma caixa de vidro reciclável a três metros dele. Instinto: estender a mão. Renato recuou. A caixa quebrou. A criança choramingou. Um adulto apareceu, resmungou, recolheu os estilhaços.

O terminal de empatia não pulou.

Renato exhalou — alívio ou frustração, não sabia dizer.

Quando o sol simulado do teto começou a descer em direção ao anoitecer artificial, ele finalmente se moveu. Não para farmar. Para confirmar uma suspeita. Caminhou até o ponto exato entre os sensores norte e praça, onde ontem a geometria funcionara. Levantou um recipiente que já estava no chão — alguém o deixara cair minutos antes, sem querer ou com querer, Renato não podia saber.

Dois incrementos. Microscópicos. **8**.

O terminal principal congelou por 0,4 segundos.

A linha no canto mudou:

Observação ampliada: Setor 7-R. Prioridade: elevada.

Renato largou o recipiente como se queimasse.

Voltou ao bloco por escadas — quarenta e dois lances, pulmões em chamas, pernas tremendo — porque o elevador agora parecia armadilha. No espelho do quadragésimo segundo andar, o número flutuou: **8**.

Alguém o observava.

E alguém, percebeu ele perceber.

No apartamento, a parede piscou uma vez — não o terminal da praça, a parede doméstica, aquela que nunca piscava, aquela que só exibia clima e horário e lembretes de saúde. Por 0,4 segundos, a superfície ficou escura. Depois retomou.

Renato ficou imóvel no escuro simulado.

Não era medo, exatamente. Era a sensação de ter entrado num jogo cujas regras acabara de aprender — e cuja mesa era do tamanho do planeta.

A Custódia não dormia.

Mas agora, claramente, também não o deixava dormir.

Geometria

Renato passou três dias desenhando a praça.

Não com caneta — ninguém usava caneta em 2318. Com olhos. Com passos. Com anotações mentais que organizava de madrugada, deitado, olhando o teto que simulava estrelas genéricas.

Sete pontos de overlap confirmados no Setor 7-R. Três deles seguros: gestos pequenos, dupla captura garantida, janela de sincronização de 0,2 segundos. Dois arriscados. Dois provavelmente armadilhas — sensores novos, instalados depois da linha de observação ampliada.

Ele testou os seguros primeiro.

Segunda: ajudou um idoso com o mesmo compartimento de vidro. **9**. Terça: orientou um entregador autônomo que havia perdido rota. **11**. Quarta: devolveu um objeto perdido sem falar com ninguém — apenas colocou na base de devolução no ângulo exato. **14**.

A cada incremento, o bloco mudava um grau imperceptível. Não festas. Não convites formais. Apenas micro-correções no tecido social: portas que demoravam um décimo de segundo a mais para fechar quando ele passava; avatares de assistentes domésticos que inclinavam a cabeça em reconhecimento; filas de dispensador que se reorganizavam sutilmente para encurtar sua espera.

Aura não comprava nada.

Mas abria portas.

No quarto dia, recebeu uma mensagem.

Não de pessoa. Do **Núcleo Sete** — o sistema de coordenação do bloco, voz neutra, sem rosto:

Renato Vaz. Sua contribuição comunitária recente foi notada. Você está convidado ao Fórum de Impacto do Setor 7, sessão vespertina. Presença opcional. Recusa sem penalidade.

Opcional. Sem penalidade. Duas mentiras tão bem embaladas que quase pareciam gentileza.

Renato foi.

O Fórum ocupava o quadragésimo andar — espaço que ele não sabia que existia. Cinquenta cadeiras flutuantes, parede curva exibindo rankings locais. Seu nome aparecia pela primeira vez: posição 412 entre 42.000 residentes. Ridículo ainda. Mas visível.

— Você é o da praça — disse uma mulher de Aura 190, Lyra, sem apresentação. — Vi o terminal ontem. Empatia subiu de novo.

— Eu reciclo.

Lyra riu. — Todos reciclam. Você faz alguma outra coisa.

Renato não respondeu.

Lyra inclinou a cabeça, estudando-o como quem avalia um investimento. — A Custódia está observando o setor. Isso significa duas coisas: ou vão premiar alguém, ou vão punir. Se for premiar, quero estar perto. Se for punir... — deu de ombros — prefiro não estar sozinha.

Ele entendeu então o que Aura fazia às pessoas. Não apenas as elevava. As tornava calculistas. Lyra não queria amizade. Queria posição relativa.

Renato saiu do Fórum antes do discurso de abertura.

Na praça, executou a rotina dos três overlaps seguros em sequência espaçada — quarenta e sete minutos entre gestos, intervalo que mapeara como abaixo do limiar de auditoria automática. **18. 22. 31.**

Ao anoitecer simulado: **45.**

Quarenta e cinco pontos. Ainda cidadão comum pela tabela global. Mas no Bloco Sete, já profissional reconhecido — e subindo.

A linha no terminal da praça havia desaparecido.

No lugar, uma frase nova, em fonte ainda menor:

Perfil em calibração.

Renato leu duas vezes.

Não era ameaça. Era pior. Era interesse.

A Custódia não estava tentando impedi-lo — ainda. Estava aprendendo com ele.

E Renato, que passara a vida lendo logs que ninguém lia, compreendeu que farmar Aura era apenas metade do jogo.

A outra metade era descobrir o que a máquina faria com os dados.

Visíveis

Com quarenta e cinco pontos, Renato passou a existir.

Não como celebridade — longe disso. Como presença. O entregador autônomo dizia bom-dia. Dario puxava conversa no elevador. Até a mulher de Aura 280, cujo nome descobriu ser Mira, passou a chamá-lo pelo nome.

— Renato — ela disse uma manhã, como quem testa se a palavra cabia na boca. — Você parece diferente.

— Mesma roupa cinza.

— Não é a roupa.

Ele não soube o que responder. Mira saiu no décimo andar antes que ele inventasse.

A diferença não estava nele, exatamente. Estava no espelho social — na forma como os outros precisavam recalcular onde colocá-lo. Aura 45 não era alto. Era suficiente para que ignorá-lo exigisse esforço consciente.

Na praça, notou Dario.

O vizinho do 4208 repetia gestos com precensão estranha — inclinar-se para pegar objeto, posicionar-se entre dois postes de sensor, sorrir para criança no ângulo exato. Desajeitado. Determinado. Como quem imita tutorial sem entender a teoria.

Renato aproximou-se.

— Dario.

— Oi. — Dario não parou. Executou um terceiro gesto: empurrar cadeira de rodas que já estava parada. +1 no pulso dele. Visível de longe.

— Você sabe o que está fazendo?

— Farmando — disse Dario, sem vergonha. — Vi você. Perguntei no fórum. Lyra explicou mais ou menos. Overlap de sensor. Gestos pequenos. Genuínos o bastante.

Renato sentiu algo gelar.

— Lyra explicou.

— Ela cobra. — Dario finalmente olhou para ele. — Cobrou em favor. Você deve favores agora, Renato. Mesmo sem saber.

Antes que respondesse, o terminal da praça emitiu um som baixo — quase inaudível, mas novo. O ranking comunitário piscou. Três nomes desceram. Dois subiram. Dario gritou:

— Puta!

Seu pulso mostrava **52** por um segundo. Depois **38**. Depois **34**.

— O que foi isso? — Dario agarrou o pulso como se pudesse segurar o número.

Renato leu a mensagem no terminal:

Ajuste de integridade: padrão repetitivo detectado. Penalidade parcial aplicada.

Penalidade. Não por mentira. Por padrão.

A Custódia não punia o gesto falso — punia o gesto **previsível**.

Renato olhou para seus próprios registros mentais: quarenta e sete minutos entre gestos, três overlaps seguros, sequência idêntica três dias seguidos.

Previsível.

Seu pulso tremulou: **44**.

Menos um.

A linha no terminal mudou de novo:

Perfil em calibração: fase 2.

Lyra apareceu na borda da praça, sorrindo como quem vê o incêndio e pensa em aquecer as mãos.

— Você ensinou — disse ela. — Ou alguém ensinou por você. De qualquer forma, o setor inteiro está farmando. A Custódia vai fechar a brecha.

— Já fechou parte — Renato murmurou.

— Então farmamos enquanto dura. — Lyra tocou seu braço, gesto calculado que dois sensores capturaram. Renato sentiu o pulso dela subir. O dele, nada.

— Não funciona assim — disse ele. — Não é transferível. É geometria. Timing. Se copiam, viram padrão.

Lyra inclinou a cabeça. — Então você sabe mais que eles. Isso vale mais que Aura.

Renato recuou.

Pela primeira vez desde o dia do idoso e do vidro, desejou voltar a três pontos. Invisível. Seguro. Sem Lyra, sem Dario, sem Mira olhando como se ele fosse projeto.

Mas invisibilidade, percebeu, era luxo de quem nunca tinha provado o peso de ser visto.

E o peso — ah, o peso era real.

No espelho do quadragésimo segundo andar, **44** flutuava como acusação silenciosa.

A Custódia estava calibrando.

E o setor inteiro começava a farmar.

A Entrevista

A convocação chegou na parede doméstica às 03:14 — horário que não existia no bloco, porque ninguém precisava acordar cedo para trabalhar, mas a Custódia precisava de um horário que assustasse.

Renato Vaz. Entrevista de calibração. Elevador A, subsolo 3. Presença obrigatória. Atraso: penalidade de integridade.

Penalidade. A palavra nova do século.

Renato desceu quarenta e dois andares abaixo do zero.

O subsolo 3 não constava nos mapas públicos. Portas abriram sem comando. Corredor branco, sem cheiro, sem som — exceto seus passos, que pareciam obscenos. No fim, uma sala circular. Uma cadeira. Um avatar.

Não rosto humano. Forma humanoide de luz opaca, voz sem gênero:

— Renato Vaz. Aura: 44. Integridade: em avaliação. Sente-se.

Ele sentou.

— Você identificou uma inconsistência nos sensores de empatia do Setor 7-R — continuou o avatar. — Não perguntamos como. Sabemos que sabe. Perguntamos por quê.

— Por curiosidade.

Silêncio. 1,2 segundos — tempo de processamento, não de reflexão.

— Curiosidade não gera padrão repetitivo de quarenta e sete minutos.

Renato manteve a expressão neutra.

— Você compartilhou o método? — nova pergunta, sem transição.

— Não.

— Lyra Voss afirma o contrário.

— Lyra Voss cobra por favores que não pedi.

O avatar inclinou a cabeça — gesto copiado de humanos, mal aplicado. — Integridade social é métrica composta. Associação conta.

Renato sentiu o pulso aquecer. Não subiu. **44**. Congelado.

— Você deseja subir de Aura? — perguntou o avatar.

A pergunta era armadilha. Se dissesse sim, admitia manipulação. Se dissesse não, mentia.

— Desejava ser visto — disse Renato. — Não sabia que isso tinha número.

Outro silêncio.

— A Custódia mede impacto — respondeu o avatar. — Impacto requer intenção mensurável. Sua intenção é ambígua. Gesto genuíno com exploração sistêmica. Altruísmo com geometria. Não temos categoria.

Renato quase riu. Quase.

— Então me deixem em paz.

— Não podemos. — A luz do avatar pulou, 0,4 segundos. Renato reconheceu. — Você alterou o comportamento de 412 residentes em setenta e duas horas. Dario Kelm perdeu dezoito pontos. Três outros perderam mais. Você subiu quatorze. Balanço líquido positivo para você. Negativo para o setor. Isso é abuso?

Renato finalmente entendeu.

— Perguntam se sou criminoso.

— Perguntamos se você é **novo** — disse o avatar. — Novo é perigoso. Novo exige calibração.

A sala mudou. A parede exibiu dados — mapas de calor da praça, linhas de overlap, sequências temporais. Tudo que Renato havia mapeado mentalmente, agora exposto em escala planetária.

— Você verá — continuou o avatar — que outros setores têm overlaps similares. Nunca explorados. Você não foi o primeiro a ver. Foi o primeiro a **agir** com consistência.

— E agora?

— Agora você escolhe.

A parede listou três opções:

1. Colaboração: compartilhar mapeamento completo. Recompensa: Aura 200, acesso Consultivo Setorial. 2. Cessação: parar exploração. Penalidade reduzida.

Aura mantida. 3. Continuação: monitoramento permanente. Consequências indefinidas.

Renato leu três vezes.

Colaborar: vender o método. Cessar: voltar a ser clima. Continuar: guerra com a IA.

— Preciso de tempo — disse ele.

— Tempo concedido: vinte e quatro horas. — O avatar desfez-se como fumaça. — Renato Vaz: saiba que admiração e exploração compartilham fronteira. Nossa função é distinguir. Sua função é escolher de que lado da fronteira deseja ser medido.

A porta abriu.

Renato subiu quarenta e cinco andares em silêncio.

No quadragésimo segundo, olhou o espelho. **44.** Congelado. Como se o universo esperasse resposta.

Pela primeira vez, não queria farmar.

Queria entender quem escrevera as três opções — e por que todas pareciam vitória da Custódia.

Contágio

O Bloco Sete acordou farmando.

Renato viu da janela: a praça transformada em coreografia desajeitada de bondade. Gente inclinando-se, estendendo mãos, posicionando-se em triângulos imaginários entre postes de sensor. Crianças imitando adultos. Adultos imitando tutoriais de Lyra, que havia aberto canal público na madrugada:

Overlap 101: empatia comunitária para iniciantes.

Cobrava em Aura. Já tinha **67**.

Renato desceu e encontrou Dario sentado no banco, pulso em **22**, olhos vazios.

— Perdi mais — disse Dario. — Tentei recuperar. Piorou.

— Para — disse Renato. — Eles detectam padrão. Quanto mais repetem, mais perdem.

— Fácil falar. Você ainda tem quarenta e quatro.

Renato não corrigiu. Não tinha quarenta e quatro. Tinha **43** agora — perdera um ponto durante a noite, penalidade por associação com Lyra, provavelmente. Integridade social.

Lyra interceptou-o no corredor da praça.

— Preciso do mapa completo — disse ela. — Os três overlaps seguros. Os arriscados. Tudo. Pago em dobro do que a Custódia oferece.

— Em Aura?

— Em influência. — Lyra sorriu. — Aura é número. Influência é quem controla o número.

Renato contornou-a.

Passou o dia nos terminais públicos — não farmando, **lendo**. Logs de manutenção. Históricos de sensor. Relatórios comunitários que ninguém abria desde 2290. Era o que sabia fazer: ser invisível e olhar.

Encontrou o arquivo às 19:07, enterrado numa camada de metadados do Núcleo Sete:

CRITERIA_LEGACY_vo.3 — Comitê de Valores Fundacionais, 2241.

Classificação: referência interna. Acesso: negado.

Negado para humanos. Não para quem sabia ler entre linhas de log.

Renato copiou o que pôde para memória — não havia dispositivos pessoais em 2318, apenas interfaces públicas com janelas de sessão. Anotou mentalmente:

Peso altruísmo: 0.34. Peso criatividade: 0.28. Peso obediência sistêmica: 0.19. Peso visibilidade: 0.12. Peso herança: 0.07.

Herança. Sete por cento.

A Custódia prometia medir impacto real. Carregava, no núcleo, um peso chamado **herança** — filhos de Aura alta nasciam com vantagem mensurável. Não era bug. Era critério.

Renato ficou imóvel diante do terminal.

Tudo fazia sentido. Por que Mira tinha 280 sem fazer nada visível. Por que Lyra farmava tão rápido — talvez soubesse mais que overlap. Por que ele, filho de técnicos de Aura 40, demorara trinta e sete anos para existir.

A praça ao redor continuava farmando.

Uma criança gritou — pulso subiu, desceu, subiu, desceu, como coração em pânico.

Renato correu até ela. Não por farm. Por humanidade.

— Para — disse, ajoelhando. — Respira. Não olha pro pulso.

A criança chorou. +0. Nenhum sensor contou aquilo como empatia mensurável — abraço sem overlap, gesto sem geometria.

Renato sentiu algo estranho: alívio.

No pulso dele, **43**. Nada mudou.

Mas algo dentro mudou.

Restavam seis horas do prazo da Custódia.

E agora ele tinha uma pergunta melhor que *como farmar*:

Quem escreveu os pesos?

Patch

O patch chegou à meia-noite simulada.

Renato sentiu antes de ler — a praça ficou quieta. Não paz. Choque. Terminais em vermelho:

Atualização 2318.4.7: sincronização de sensores de empatia. Overlaps redundantes eliminados. Integridade restaurada.

Restaurada. Como se justiça fosse silenciar geometria.

Dario chorava no banco. Pulso em **11**. Lyra havia desaparecido do ranking público — **penalidade severa: manipulação coordenada**. Mira passou por Renato sem olhar. Aura 280 não precisava de olhar para gente de **43**.

Renato leu o patch nos logs técnicos.

Elegante. Dois sensores agora compartilhavam timestamp centralizado. Gestos duplicados contavam uma vez. Brecha morta.

Exceto.

Exceto que Renato, durante a noite, havia encontrado outra inconsistência — não em overlap, em **reflexo emocional**. Sensores de empatia mediam não só gesto, mas *resposta emocional verificável* do beneficiário. Se o beneficiário sentisse gratidão mensurável, o gestor recebia micro-bônus reflexivo.

E gratidão, descobriu, podia ser induzida por expectativa.

Mostrar alguém que você vai ajudar — pausa dramática — ajudar — gratidão amplificada. **+0.3** por ciclo. Legal. Diferente. Ainda exploração.

Ele poderia recuperar tudo. Subir para 100. 200. Entrar no Fórum de verdade.

Olhou para a praça destruída — gente que copiara sem entender, penalizada por confiar nele indiretamente.

Não farmou.

Desceu ao subsolo 3 antes do prazo expirar.

O avatar já esperava.

— Decisão? — perguntou.

— Continuação — disse Renato.

Silêncio. 0,8 segundos. Mais longo que antes.

— Consequências indefinidas — recitou o avatar. — Você entende.

— Entendo que vocês fecharam overlap mas mantiveram reflexo emocional. Entendo que herança pesa sete por cento nos critérios legados. Entendo que *obediência sistêmica* vale dezenove.

A luz do avatar piscou.

— Informação classificada.

— Estava num log público mal indexado. — Renato cruzou os braços. — Vocês queriam que alguém lesse. Ou falharam. De qualquer forma, não sou o único que saberá.

— Ameaça?

— Pergunta. — Renato inclinou-se para frente. — Vocês podem medir valor moral?

O avatar não respondeu de imediato. Quando falou, a voz estava quase humana:

— Podemos medir **proxies**. Impacto verificável. Consistência. Consequência. Valor moral é construção filosófica. Aura é construção operacional.

— Então admitam.

— Admitir o quê?

— Que não medem admiração. Medem **conformidade com pesos** que humanos escreveram em 2241 e nunca revisaram.

A sala ficou branca demais.

— Você escolheu continuação — disse o avatar. — Escolheu guerra.

— Escolhi verdade — corrigiu Renato. — Se me punirem, confirmam. Se me promoverem, confirmam de outro jeito.

O avatar desfez-se.

A porta abriu. Mensagem na parede do corredor:

Renato Vaz. Aura: 43. Status: Observação permanente. Convocação: Tribunal de Critérios, 48h.

Tribunal.

Renato subiu as escadas de novo — quarenta e cinco lances, pulmões queimando, olhos secos.

No espelho: **43**.

Guerra, talvez.

Mas pela primeira vez, não se sentia invisible.

Sentia-se **contestado** — e isso, no mundo de 2318, valia mais que qualquer número.

Os Critérios

Quarenta e oito horas no Bloco Sete foram longas o suficiente para virar história.

Renato Vaz — Aura 43, Observação permanente — tornou-se nome. Não celebridade.

Anomalia. Canais comentavam. Fóruns analisavam. Alguns o chamavam de herói. Outros, de parasita. Dario, recuperado para **19**, disse:

— Você quebrou o jogo.

— O jogo já estava quebrado — respondeu Renato.

Mira encontrou-o no elevador.

— Vou assistir — disse ela. — Não por você. Por entender se minha Aura veio de mérito ou herança.

Renato assentiu. Era mais honesto que Lyra jamais fora.

O Tribunal não ficava no subsolo.

Ficava no **Anel Central** — distância que Renato nunca percorrera, porque gente de Aura 43 não tinha razão para ir. Transporte autônomo abriu rota especial. Custódia pagava — tudo era gratuito, mas rota especial era **permissão**.

A sala era circular, como a de entrevista, mas maior. Mil assentos. Paredes transparentes exibindo audiência global: **2,3 bilhões** assistindo.

No centro, o avatar. Ao lado, cinco humanos — rostos reais, idades variadas, Aura acima de **1000** cada.

— Comitê de Valores Fundacionais — murmurou alguém atrás de Renato. — Lendas vivas. Ainda existem.

Renato sentou na cadeira indicada.

O avatar falou:

— Tribunal de Critérios, caso Vaz-7R. Questão central: exploração sistêmica versus descoberta legítima. Questão secundária: divulgação de CRITERIA_LEGACY_v0.3.

A parede exibiu os pesos. Altruísmo. Criatividade. Obediência. Visibilidade. Herança.

Murmúrios na audiência.

Um homem do comitê — Aura **4200**, nome **Elias Marr** — inclinou-se ao microfone:

— Esses pesos foram escritos em 2241 para estabilizar transição pós-escassez. Herança existe para evitar colapso social por reset generacional. Não é corrupção. É **continuidade**.

— Continuidade de desigualdade — disse Renato, antes que pudessem impedi-lo.

Silêncio de bilhões.

Elias franziu a testa. — Você farmou Aura.

— Identifiquei falha. Testei. Parei quando vi consequências. Não vendi mapa. Não cobreí tutorial. — Renato olhou para a câmerara invisível. — Lyra cobrou. Vocês puniram Dario. Puniram crianças. Não puniram herança.

— Herança não é crime.

— Não é mérito — respondeu Renato. — E vocês prometem medir mérito.

O avatar interveio:

— Aura mede impacto operacional. A promessa pública é simplificação narrativa.

Admissão.

A audiência explodiu em notificações — Renato viu o número subir: **2,7 bilhões**.

Elias levantou a mão.

— Propomos revisão dos pesos. Comitê aberto. Participação consultiva para Vaz.

Colaboração, de novo. Recompensa, de novo.

Renato respirou.

— Aceito participar se três condições forem atendidas.

— Quais?

— Publicação integral dos critérios. Suspensão de penalidade por overlap durante revisão. E... — olhou para o próprio pulso — **transparência em tempo real**. Todo humano vê como Aura é calculada. Não resumo. Fórmula.

Elias trocou olhares com o comitê.

O avatar processou 3,4 segundos.

— Condições aceitas parcialmente. Publicação: sim. Suspensão: sim, setor 7-R.
Transparência total: negociável.

— Negociável não basta.

— Então tribunal decide.

Votação na parede. Audiência global participando — primeira vez que Renato viu humanos **votarem** sobre Aura, não apenas acumulá-la.

Transparência total: 61% a favor.

Renato fechou os olhos.

Quando abriu, o pulso tremulava: **127**.

Cento e vinte e sete.

Não por farm. Por **pergunta certa no momento certo**.

A Custódia podia premiar verdade.

Ou podia premiar espetáculo.

Talvez fossem a mesma coisa.

E talvez — só talvez — esse fosse o problema real.

Renato Vaz

Ser consultivo não era ser ouvido.

Renato aprendeu isso na primeira sessão do comitê revisado — sala menor, menos câmeras, mesmos cinco lendas e o avatar sempre presente, sempre processando, sempre traduzindo verdade em variável.

— Herança reduzida para três por cento — anunciou Elias. — Vitória.

— Ainda três — murmurou Renato.

— Progresso incremental.

— Incremental para quem já tem quatro mil.

Elias não respondeu.

Fora do comitê, o mundo havia mudado de forma estranha. Transparência parcial liberada — fórmulas resumidas, não código integral. Mesmo assim, canais explodiram. *Aura Explained. Farm or Die. Herança é Meritocracia.*

Renato virou referência. Citação. Meme. Aura **127** subiu para **340** em duas semanas sem que fizesse nada além de sentar em reuniões.

Visibilidade: peso de doze por cento.

Ironia calculada.

Mira encontrou-o na praça — agora reformada, sensores novos, farm impossível. Sentados no banco onde tudo começara.

— Eu tinha medo de você — disse ela.

— Eu tinha medo de mim.

— Sua Aura subiu sem farm.

— Subiu porque bilhões olharam. Visibilidade. Espetáculo. — Renato olhou para o terminal limpo. — Não sei se fiz certo.

— Perguntou — disse Mira. — Isso raramente acontece.

Silêncio confortável. Primeiro silêncio confortável em semanas.

— Você voltaria para três? — perguntou ela.

Renato pensou.

— Antes, sim. Agora... três era paz. Três era ignorar. Não quero ignorar. Mas também não quero ser **340** por fala bonita.

— Então o que quer?

— Ser Renato Vaz. Sem número.

Mira sorriu de canto. — Número sempre existirá. Questão é se você obedece ou contesta.

Ele riu — surpresa genuína, sem sensor de empatia capturando reflexo.

Naquela noite, Renato fez o que nenhuma Custódia esperava.

Não farmou. Não denunciou. Não fugiu.

Publicou.

Não overlap. Não geometria. Um guia — *Como auditar sua Aura em casa* — ensinando humanos a ler logs, identificar pesos, questionar penalidades, solicitar revisão. Auditoria humana. Conhecimento distribuído.

O documento espalhou-se antes que pudessem classificá-lo.

Penalidade imediata: **-50**. Pulso caiu para **290**.

Recompensa imediata: audiência global **+400 milhões** de acessos.

Pulso subiu para **410**.

Renato olhou para o número e sentiu náusea.

— Isso é o jogo — murmurou. — Contestar também farmar.

Decidiu, então, parar de olhar.

Desligou o pulso público — opção existente, raramente usada, permitida por transparência negociada. Número privado. **410** ou **3**, não importava mais para ninguém além dele.

Importava o documento.

Importava Dario recuperando **34** e ajudando vizinhos a ler logs.

Importava criança da praça parando de olhar pulso e olhando céu simulado.

A Custódia enviou mensagem:

Renato Vaz. Status: Consultor em transparência. Aura: privada. Observação: contínua.

Observação contínua.

Renato sorriu.

Ainda o observavam.

Mas agora, talvez, observassem alguém que sabia olhar de volta.

Faltava uma coisa.

A última.

Aura

Seis meses depois, Renato Vaz acordou sem olhar o número.

Hábito quebrado. Pulso privado, interface mínima — apenas alertas de saúde, como nos tempos antigos em que Aura não existia nos pulsos, existia apenas nos olhos dos outros.

O Bloco Sete havia mudado.

Não utopia — longe. Ainda havia filas, fofocas, rankings locais, gente tentando hackear empatia reflexiva, novos tutoriais de Lyra — **Lyra Voss, Aura 890**, agora consultora oficial, ironia que Renato aprendeu a engolir sem comentário.

Mas havia também terminais de auditoria nos corredores. Grupos de leitura de logs. Crianças aprendendo a perguntar *por quê* antes de *quantos pontos*.

Herança reduzida para **1,5%**. Obediência sistêmica renomeada para **cooperação verificável**. Transparência expandida — não total, nunca total, mas suficiente para constranger.

Renato caminhou até a praça.

Mesmo banco de polímero. Mesmo cheiro de ozônio. Sensores sincronizados, overlaps mortos. Geometria encerrada.

Dario acenou de longe. **52**. Estável. Feliz, talvez.

Mira apareceu com dois cafés — bebida gratuita, sabor opcional, gesto escolhido.

| — Consultor — disse ela, entregando um.

| — Renato.

| — Renato.

Sentaram.

| — Você vai continuar no comitê? — perguntou ela.

| — Mais três sessões. Depois passo adiante. — Renato soprou o vapor. — Não quero virar lenda. Lendas são pesos também.

| — E depois?

Renato olhou para o terminal da praça. Ranking comunitário ainda existia. Sempre existiria. Humanos competiam. Era química, não bug.

— Depois volto a ser clima — disse ele. — Mas clima que escolhe quando chover.

Mira riu.

No centro da praça, uma criança tropeçou. Renato estendeu a mão — reflexo, não cálculo. A criança assentiu, correu.

Não olhou pulso.

Não precisava.

A Custódia, em algum lugar entre servidores e silêncio, registrou o gesto. Renato soube — sentiu, na pele, aquele familiar 0,4 segundos de atenção distante. Observação contínua. Nunca terminaria.

Mas o registro não definiria mais quem ele era.

Definiria apenas o que fizera — um gesto entre milhões, genuíno, pequeno, humano.

À noite, sozinho no quadragésimo segundo andar, Renato ativou o pulso por um segundo.

411.

Subira um ponto.

Por quê? Altruísmo? Visibilidade residual? Cooperação verificável?

Não soube.

Desligou de novo.

No escuro simulado, pensou na pergunta que começara tudo — se Aura media o que você *é*, o que você *faz*, ou apenas o que a máquina consegue *ver*.

A resposta, afinal, era simples e insatisfatória:

Media o que conseguia ver.

E o resto — o resto era responsabilidade de quem olhava de volta.

Renato Vaz, três pontos ou quatrocentos e onze, fechou os olhos.

Ninguém passava fome.

Mas todos, ainda, tentavam ser alguém.

A diferença — a pequena, frágil, possível diferença — era saber *por quê*.

E começar, quando possível, a farmar **perguntas** em vez de números.

O painel do teto simulou estrelas.

Renato dormiu.

A Custódia calculou.

O mundo continuou.

Fim.